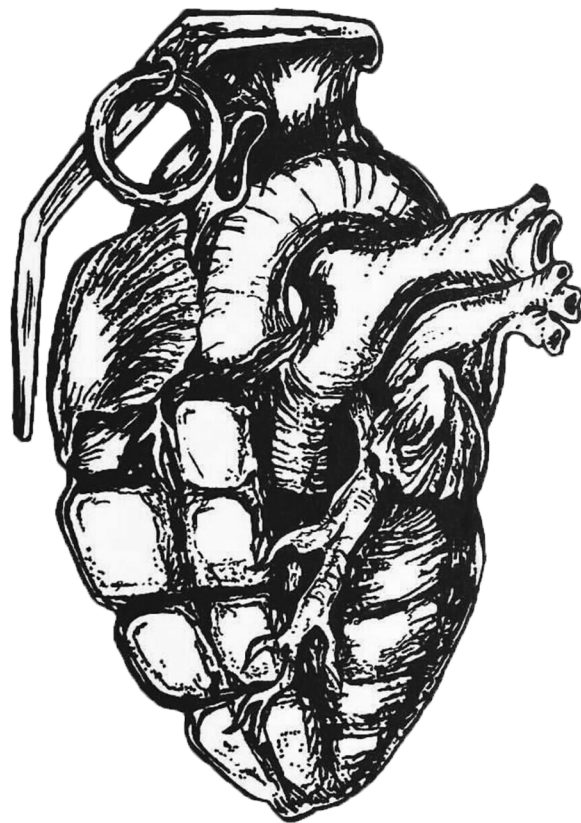


Coletânea de poemas para libertar o amor



seleção e tradução de Jeff Vasques

Amor Livre-se e Coletânea de poemas para libertar o amor (Jeff Vasques)

Amor



livre-se

jeff vasques



Jeff Vasques é poeta, palhaço e militante da vida. Já lançou os seguintes livros:

Subverso
(poesia - 2009)

Nada comum dia
após o outro
(poesia - 2011)

Te dou a minha palavra
(poesia - 2013)

Amor Livre-se
(poesia - 2014)

PSIU!
(infanto-adulto - 2015)

Coletânea de poemas
para libertar o amor
(org. e tradução - 2017)

Poesias de luta
da América Latina
(org. e tradução - 2017)

E traduziu p/ o português:

Nascimento Volátil
(poesia - Angye Gaona)

Manual e Guia do
Palhaço de Rua
(Chacovachi)

AMOR LIVRE -SE

poesias de jeff vasques



contato:
jeffvasques@gmail.com
www.eupassarinho.org

As ilustrações das páginas 4, 11, 21, 38 são de Letícia Graciano; da pág 33, de João Miséria; na pág 16, do Batata; nas págs 15, 39 de Ravi Novaes. A pintura das página 2 é de Lia Peres. Foto da página 12, de Andreas Smetana. A pintura da página 49/50 é "Narciso" de Caravaggio.

Não se iluda, nenhum direito está reservado.

UM DEDO DE PROSA, DOIS DE POESIA

“Casamento é quase sinônimo de conflitos, dores, sofrimentos dos mais variados. Frustrações, tristeza e melancolia são elementos que estão presentes em todas as famílias, em algum grau e em alguma medida – por vezes, de modo muito forte.

As alternativas que nos oferece a vida são todas, também, insatisfatórias. Pessoas que optam por relacionamentos mais superficiais, passageiros, e que preferem não constituir família – ou mesmo aqueles que decidem constituir família sem passar pelo cerimonial do casamento e seus atributos legais – enfrentam problemas muito parecidos. A infelicidade e a insatisfação de carências não atendidas ao longo de toda uma vida vão deixando suas marcas nas personalidades de todos nós. Mesmo nas alternativas, o outro, além de amado(a), também cumpre a função social de limite ao desenvolvimento do(a) companheiro(a) – e há profundas razões históricas para que isso seja assim. (...)

Toda vez que, na história, a humanidade viveu um impasse ao qual não tinha ainda encontrado alternativa, fortalece-se a busca pessoal, quase sempre desesperada, por vezes mágica ou mística, de alternativas rigorosamente individualistas. O sucesso dos livros de autoajuda é um bom exemplo desse fenômeno. Quando se trata de nossos amores e desamores, algo muito semelhante ocorre: avaliamos que os problemas do nosso casamento não se repetirão no próximo relacionamento.

Infelizmente, as coisas são mais complexas. Infelizmente porque, fossem de fato problemas singulares e que ocorrem apenas conosco, poderiam ser solucionados por uma nova postura individual, por novas opções pessoais. As soluções seriam muito mais simples e rápidas. A incrível generalização do sofrimento individual oriundo das atuais relações familiares indica exatamente o oposto: o problema, muito mais que pessoal e singular, diz respeito ao que todas as famílias, ao que todos os nossos amores, desamores, encontros e desencontros têm em comum. Nossa infelicidade coletiva, nessa esfera, tem também raízes coletivas, gerais, universais. São raízes, causas, que se articulam com toda a história da humanidade, desde sua origem até nossos dias. São problemas que requerem soluções complexas e radicais: complexas, porque se referem à totalidade do modo pelo qual organizamos a nossa sociedade; radicais, porque não aceitam soluções parciais ou efêmeras.”

(Sérgio Lessa em “Abaixo a família monogâmica”)

ÍNDICE

o que é o que é.....	1
entre.....	2
via crúcis.....	3
quadras ao gosto impopular II.....	4
manifesto sem poesia.....	5
eu não te amo.....	8
quadras oo gosto impopular XXIII, XXIV/ Lógica Vital.....	9
mandamento primeiro.....	10
destrava a língua.....	11
a carne.....	12
te dou a minha palavra.....	13
poema de amor para ser olvido.....	15
enamorir-se.....	16
amar sobre todas as coisas.....	17
sei lá.....	19
compromisso.....	21
ímpares.....	22
olho no olho, dente por dente.....	24
romance.....	25
é cego.....	27
transação.....	29
quadrilha revisitada.....	33
"Amor é fogo. que arde sem se ver".....	34
rito do patrimônio.....	36
os papéis.....	37
amor livre-se.....	38
prova dos 9.....	39
receita de poeta.....	40
de tempos em tempos.....	43
laissez-ferre.....	44
à deriva.....	46
te amo ou.....	48
Siderações III.....	49
recado para colar no espelho.....	51
a cada momento.....	56
flora.....	57
quem trans forma.....	58
hay que enternecerse.....	59

"A existência da escravidão junto à monogamia, a presença de jovens e belas cativas que pertencem, de corpo e alma, ao homem, é o que imprime desde a origem um caráter específico à monogamia que é monogamia só para a mulher, e não para o homem. E, na atualidade, conserva-se esse caráter." (Engels)

O QUE É O QUE É

que
mistério

que nos
devora

não há
quem ouça

é
esse?

que nos
decifra?

e tampouco
quem

que
enigma?

esse
segredo
que

- boca a boca -

não
diga?



ENTRE

ser-se

e

ser se...

todas as
estórias
de amor.



VIA-CRÚCIS

(paixão e morte sob o romantismo)

I.

nos negamos três vezes
antes do sol
dar às claras

nos coroamos-de-espinhos
nos cuspimos à cara

armamos nossas
crucificações
sumárias

e milhares
de "Oh, por que me abandonastes?"
"Oh, por quê?"

II.

Sobre nosso
mútuo calvário,

sobre nossa
recorrente dor,

revoa alto
- ileso e farto -

esse abutre
branco

dito "santo"
espírito

amor.

QUADRAS AO GOSTO IMPOPULAR II

- "Eu assopro,
mamãe, e assopro
e o ardor de dentro
não passa."

- "Calma, filhinho,
não chora,
antes de sarar,
você casa."



MANIFESTO SEM POESIA

O amor
quando nasce
nos peitos

tem a força
revolucionária
do capitalismo
em seu surgimento:

amplia nossas forças produtivas
rompe nosso isolamento
nos conecta como seres
coletivos.

Mas,
em seu desenvolvimento,
o amor,
- assim como o capitalismo -
se cristaliza em suas relações
de privada propriedade...

e de propulsor se torna entrave
ao livre fluir das energias
afetivas-sociais-íntimas:
os choques e crises
se tornam inevitáveis
à medida que tendencialmente
decrece
sua taxa de liberdade
e vida.

O amor
- como o conhecemos hoje -
é esse capital sanguíneo
em nossos corações
que pulsa
- a cada diástole e sístole -
sua frenética liberdade
de oferta e procura
oferta e procura
oferta e procura

(desde que
reclusa
ao cerco da propriedade
quando efetivamente
se consuma)

O amor
- como o conhecemos hoje -
é a propaganda e o marketing
é o monopólio da beleza
é o império da fuga
é a esperança infinita num
consórcio mítico
a mercadoria que mais vende
- e seu procon psicanalítico -
é ogroupon orgiástico
é o juros afetivo
é o investimento de longo prazo
ou de risco
é o mercado de indivíduos
isolados
procurando
- desesperados -
sentidos.

E, sim,
o amor quando nasce
nos peitos nas bocas
nos olhares
tem essa potência
cheia de novos sentidos.

Mas, não,
não em seu desenvolvimento,
quando se faz
privada mônada de sofrimento:
terror.

partidos corações
corporações partidos

trabalhadores de todo o mundo

não uni-vos!

em tão restrito
matrimônio
de medo e
dor

é preciso superar
a propriedade privada
dos meios
de produção
da vida

é preciso superar
o amor.

EU NÃO TE AMO

"Eu não te amo,
querido!"

"Eu também
não te amo,
doce!"

E então
riram forte
e dançaram tangos
e se abraçaram inteiros
e se beijaram
(e a tantos!)

e assim
- sem amos -
livremente

viveram
felizes
pra

cacete.

QUADRAS AO GOSTO IMPOPULAR XXIII

O amor é um império
– tirânico e unânime –
não suporta hereges...
ai, de quem não o ame.

QUADRAS AO GOSTO IMPOPULAR XXIV

O amor é monogâmico
e heteronormativo.
Machista, cis, romântico,
branco, magro, assassino.

LÓGICA VITAL

Todo homem é mortal (potencialmente).
Sócrates é homem (desconstruído, de esquerda, legal).
Sócrates (ainda) é (potencialmente) mortal.

MANDAMENTO PRIMEIRO

amar-nos
outros
aos
uns.

DESTRAVA-LÍNGUA



sou
só
se
só
sei
ser
seu



a carne
é franca

TE DOU A MINHA PALAVRA

não,
não me peça
- agora -
declarações,
juras,
provas...

não,
não me peça
- dentre tantas -
só as palavras puras
"amor" "sempre" "nunca"

o que posso
lhe oferecer
- por ora -
é esta palavra
comum
esdrúxula
silenciosa:

"nuvem"

E se no correr dos dias
alguma sombra lhe dá...
mas que bela declaração!

E se te faz ver
- em suas mil formas -
o que ali não está...
qual melhor prova?

E se venta em fúria
chuva em teus cabelos...
que juras poderiam mais?

E,
se por ventura,
súbita,
se desfaz
ao sol do meio-dia...

mas
que bela
a luz do sol
ao meio dia!



POEMA DE AMOR PARA SER OLVIDO

o amor é cego
não abra os olhos

segue,
- crente -,
essa voz
que sussurra:

"feliz-ex para sempre..."

"feliz-ex para sempre..."

ENAMORIRSE

Enamorirse
eternamente:

es la dicha...

Pero pronto
resucitarse

a primera vista!



AMAR SOBRE TODAS AS COISAS

- "eu te amo
acima de tudo,
tão raro
é meu amor!"

- "eu te amo
em cima de tudo,
embaixo,
onde for"

- "eu te amo
pra todo
o sempre"

- "e eu te amo
como
nunca"

- "eu sou
só seu"

- "sou só
se sua"

- "mas
não lhe basta
meu amor
assim
tão elevado?"

- "é que,
babe...
o buraco
é mais
embaixo"

- "eu te amo
profundamente!"

- "eu te amo
pra caralho!"

- "eu morro
de amor
contigo!"

- "eu,
vivo,

claro!"

SEI LÁ

fiz estes versinhos
pra você calçar a mesa
prender uma porta, as janelas
ou pra tapar o buraco
daquela tua bota
predileta.

talvez você
ache meio bobos
estes versos
assim
sem utilidade certa

não, não é um
"eu te amo"
que se possa emoldurar
e por na prateleira

é apenas
papel branco
linhas
e carinho
no meio delas...

(acho essas coisas
soltas
que o vento leva
em que se anotam atrás
a lista de compras
que se perdem nas gavetas
tão mais belas...)

talvez sejam bobos mesmo
estes versinhos
mas nem por isso
perdem beleza:

há quem leve
uma vida cheia
de uma falta estranha
de coisas pequenas:
em que tudo um pouco
manca
portas e janelas batem
e os sapatos sabem
todas as poças e pedras.

sei lá
fiz este poema
pra você guardar
o chicletes mastigado
pra achá-lo esfarelado
na calça que foi lavada

pra você ler
assim
como quem não
quer nada

e com um sorriso
doce no rosto
tentar
(no lixo)
uma cesta
de 3 pontos.

COMPROMISSO

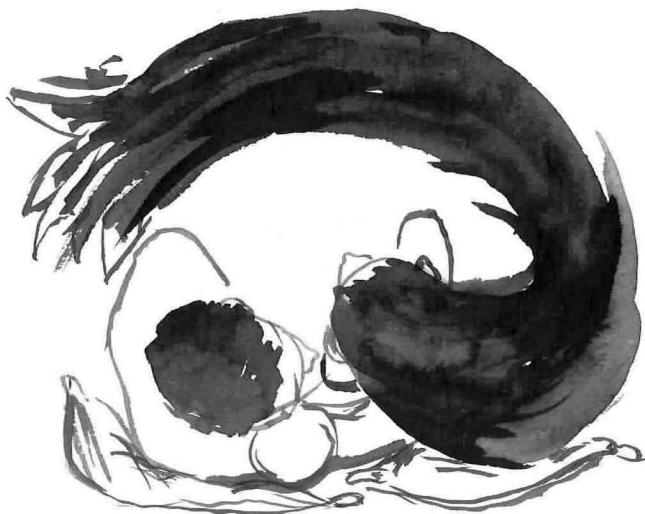
Só te peço
isto:

não me
ames

(a este "eu"
tão íntegro,
coerente, coeso,
fictício)

ama
sempre
outrem

me traia
comigo!



ÍMPARES

Eu, nem de longe,
a completo e,
ela, muito menos,
me complementa...
Eu não sou seu
sentido de vida
e, ela, devora,
a minha laranja,
é inteira...

Eu não lhe prometo
a eternidade
nem ela assina contratos
futuros...
preferimos a mutante
verdade e rimos
"eterno en
quanto duro"

Ela tem seus amores e
sonhos
e, comigo, o tempo que
convém...
Ela não quer ser bem
"cuidada"
nem é segunda mãe de
ninguém...

Ela se deita comigo
e com outros,
seja por puro prazer ou
paixão,
e despreza esse amor
ameaça trapaça mordança
prisão.

A quem nos pergunta
o que somos?
por quê? até
quando?
respondo:
"Há quem finque,
em borboletas,
agulhas.
As preferimos vivas
no estômago..."

Não,
juntos
não somos um,
nem somos feitos
um para o outro...
mas ninguém negará
que unidos
somos muito
- mas, muito! -
mais soltos.

OLHO NO OLHO, DENTE POR DENTE

I.

hoje em
dia é
fogo

dois
é demais

um
é tão pouco

(e três
tampouco
é mais)

II.

hoje em
dia é
tenso

amor se conta
c'os dedos
do meio

III.

hoje em
dia é
osso

todo cuidado
é corpo.

ROMANCE

te caço
te cato
te como
te cuspo

te caso
te traio
domestico
e abuso

te prendo
te isolo
te engravido
e sumo

te moldo
te visto
te silicono
e lipoaspiro

te manipulo
chantageio
te silencio humilho
diminuo

te exploro
te roubo
te xingo soco queimo talho mato
torturo

te trafico
te vendo
te compro
e alugo

te ameaço
difamo
te estupro
te culpo

te amo

É CEGO

foi paixão
à primeira vista;
casa, comida
e roupa lavada;
o que deus uniu,
nada separa.

do homem, a praça,
da mulher, a casa;
trair e coçar,
é só começar;
à mulher casada,
o marido lhe basta.

mãos frias,
coração quente;
pancada
de amor
não dói;
quem ama,
sempre entende.

entre marido e mulher,
ninguém mete a colher;
o que os olhos não vêem,
o coração não sente.
quem má cama faz,
nela jaz.

o amor tudo sofre,
tudo crê, tudo espera,
tudo suporta;

quem vê cara,
não vê coração;
à primeira vista,
foi paixão...

agora,
Inês é morta.

TRANSAÇÃO

ah, meu seguro previdenciário
vem aqui minha caixa
registradora
sua delícia de investimento
a perder de prazo
quero te chupar os juros
te lambar os extratos
vem, me cifra,
me decifra
saca tua mão no meu crédito
fácil
vem,
meu futuro patrimônio,
me dá teu aceite
que eu te mostro
minha alavancagem
meto
meu ativo
bruto
no teu aval
e emito
os comprovantes
desse nosso ato
explícito e
monetário
te garanto,
minha debênture,
entro em alta
na tua baixa...
especulo em teus
estoques

executo lento
tuas alíquotas
alicio tua quota lisa

ah, libera teu bônus,
vai...
quero monopolizar
o movimento de
teu mercado
imiscuir
minha pessoa física
na tua jurídica
overnight
overnight
overnight

sim!
aceito teus riscos
infrinjo os limites
e pago o resgate
bebo teus doces
prejuízos
mastigo o delírio
de tuas taxas
crescentes
me subjugo
pago o preço
me submeto a
todas tuas varas
comerciais

ah, vem, se rende
- sem reservas -
que me rendo

a nossa louca economia
a tuas estatísticas
a tua firme
firma

cruzemos
nossos fundos
mútuos de ações
nos entreguemos
a fusão vertical
horizontal
e revezemos
passivo ativo
no valor que corre
- venal -
em nossa
anônima sociedade.

Ai, faz crescer
repentino
meu índice
inflacionário
me empreende todo
que me abro
falência só pra ti
aplica sem medo
em meu ágio
faz um câmbio,
só pra mim,
sem limites
assim
deixa eu endossar
tua dívida
sugar teus fundos
alisar teu leasing
just-in-time, sim?

me penhora!
me permuta!
me vende!
me cobra!
mas não me poupa!

investe fundo
até o último
pregão
da minha bolsa
e depois
me terceiriza
me indexa
me desvaloriza
sem quaisquer
margens de garantia
sem metas pré-fixadas

adoro
quando você
me usura todo

ah, minha vida
meu tudo

assim
me possui

assim
te possuo

ah,
meu amor
tizado

lucro

QUADRILHA REVISITADA

João comia Tereza que
trepava com Beth que
não gozava com Carlos que
olhava (demais) pro Fred que
enrabou o Fábio que
nunca havia transado.

João saiu do Brasil,
Teresa, do armário,
Beth pediu divórcio,
Carlos pulou do oitavo,
o Fred purpurinou
e o Fábio, agora é Fábria
e descobriu o amor por si própria
(que não tinha entrado na história).



AMOR É UM FOGO QUE ARDE SEM SE VER

Queimar, marcar com fogo, água quente ou ácido, é uma das violências mais perversas praticadas contra a mulher, principalmente por seus “amores”: maridos, pais, entes “queridos”. 85% a 90% das mulheres violentadas no mundo não denunciam seus agressores. O silenciamento e a invisibilidade prevelacem.

“Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.”

A cada 12 segundos uma mulher é violentada no Brasil e a cada 2 horas, uma é assassinada. Em sua maioria são crianças e adolescentes, e 80% de seus agressores são pessoas “amadas”: parentes, namorados, maridos e amigos.

“É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;”

14% dos assassinatos são causados por parceiros de casamento, em geral, por ciúmes. 40% dos assassinatos de mulheres são causados por seus maridos. 80% dos familicídios são causados por homens e tem por maior motivação o divórcio. As mulheres permanecem em relações abusivas ou infelizes, em geral, por amor ("tudo vai mudar"), por medo e/ou dependência econômica.

"É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade."

48% dos casamentos acabam em divórcio, 60% dos segundos casamentos e 70% dos terceiros. 60% dos homens reconhecem já terem traído ao longo de suas relações. Não há pesquisas conclusivas que mostrem aumento de felicidade com o casamento. Quase a totalidade dos homens e mulheres sofrem de amor e ciúmes de amor, que tornam-se mais perigosos em períodos críticos, gerando sofrimento crônico, mal trato aos filhos, doenças e mortes, em especial às mulheres.

"Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

RITO DO PATRIMÔNIO

(fale agora ou cale-se para sempre)

Prometo
ser fiel

na alegria e na tristeza

(e na depressão, e no isolamento, e na submissão, e no silenciamento, e no abandono, e na difamação, e na humilhação...)

na saúde e na doença

(e no espancamento, e nas queimaduras, e nos xingamentos, e no abuso, e nas ameaças, e no estupro, e na tortura, e no cativeiro...)

na riqueza e na pobreza

(e na dependência econômica, e no roubo dentro de casa, na impossibilidade de trabalhar, e na falta de pensão...)

até que a morte
te separe

amem

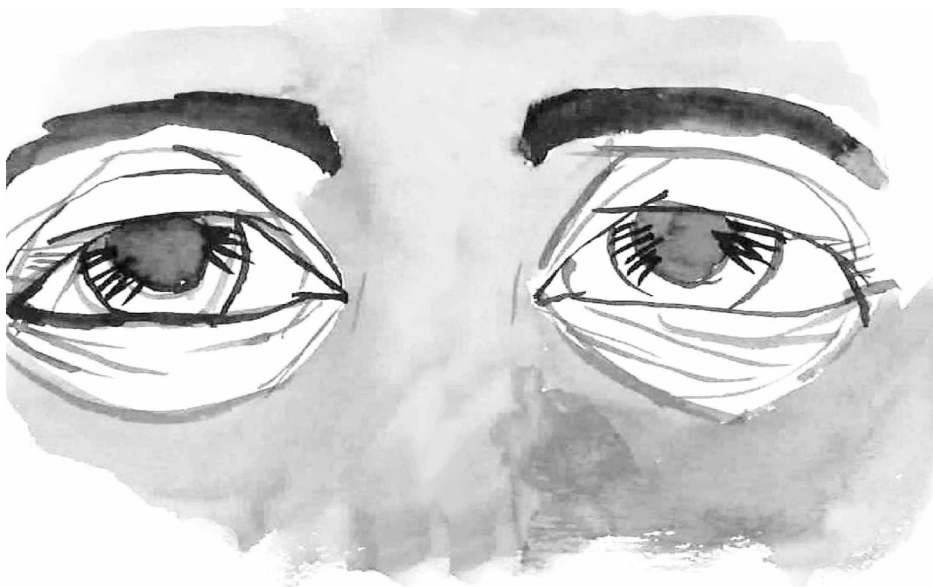
OS PAPÉIS

"Eu vos
declaro
marido e
mulher."

E, assim,
declarada

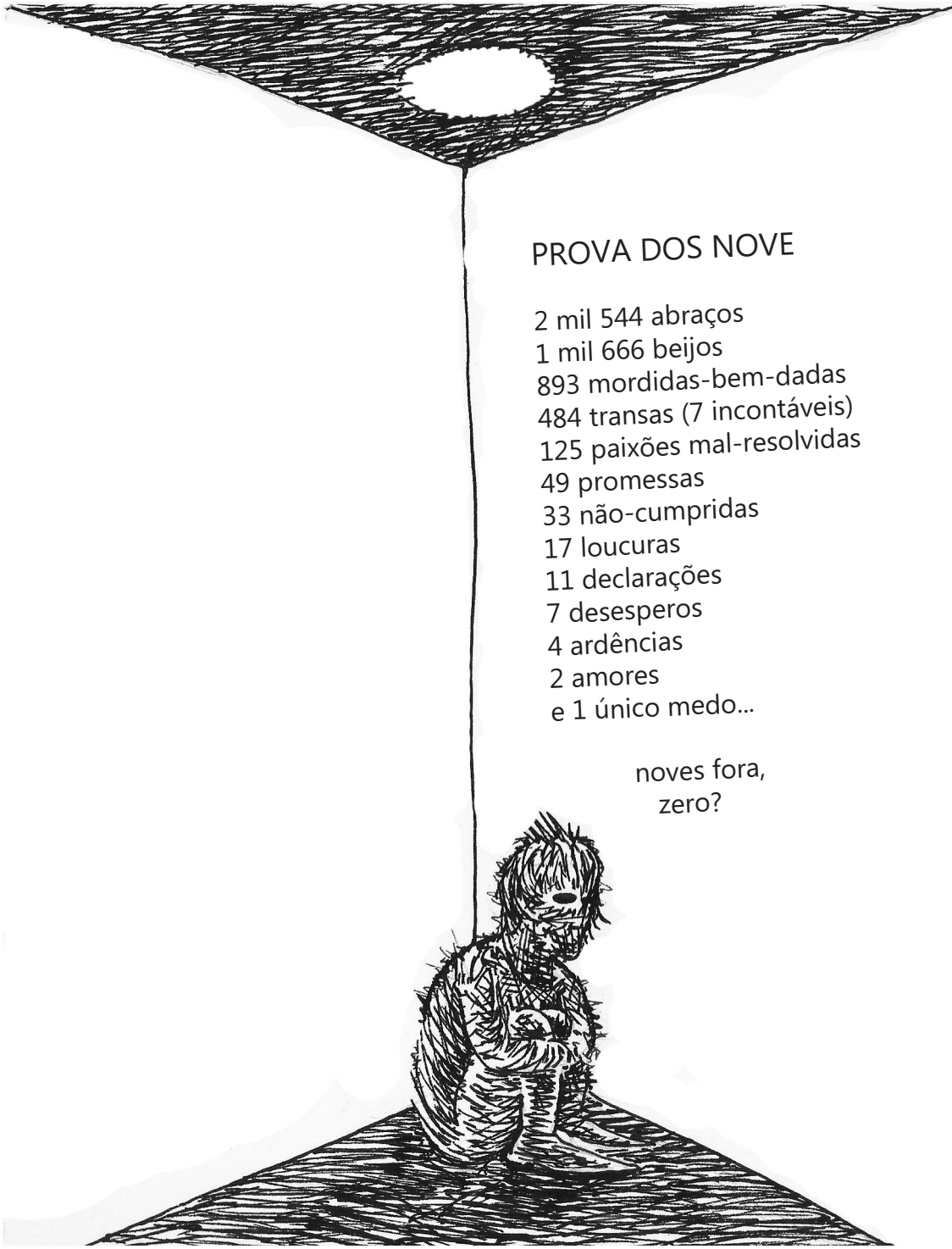
sorriu
- tão mulher -

entre
lágrimas.



AMOR LIVRE-SE

Amar o próximo
- sempre o próximo -
como a ti,
o mesmo.



PROVA DOS NOVE

2 mil 544 abraços
1 mil 666 beijos
893 mordidas-bem-dadas
484 transas (7 incontáveis)
125 paixões mal-resolvidas
49 promessas
33 não-cumpridas
17 loucuras
11 declarações
7 desesperos
4 ardências
2 amores
e 1 único medo...

noves fora,
zero?

RECEITA DE POETA

Os muito machistas que nem me perdoem
já que beleza não é fundamental. Ah, pára
com esse papo de "flor em tudo"
que envolve feminilidade,
essa breguice-escrota
de machochô,
Pára, Vinícius,
de cagar regra pra mulher,
que ela se vista como
quer,
sem esse teu elitismo,
de "alta costura",
sem esse teu
"elegantemente em azul"
(que você pode enfiar
- elegantemente -
onde rimar).

Em algo concordamos:
"não há meio-termo possível".
Só nisso.
É preciso que tudo
seja vida e não "belo",
Vinícius.
É preciso que súbito
tenha-se a impressão
de viver as coisas
como realmente são,
sem poesia
mistificadora
que desumaniza,
sem opressão.

Poetinha,
o rosto ("que lembre um templo"),
a boca ("fresca, nunca úmida"),
as extremidades ("magras"),
a cintura ("semovente"),
os seios ("expressão greco-romana")
as nádegas ("importantíssimas"),
as concavidades e reentrâncias ("com temperatura
nunca inferior a 37 graus")
as axilas ("com doce relva de aroma próprio")
os pescoços ("longos")
os pés e mãos ("como elementos góticos discretos")
a pele ("fresca nas mãos, braços, dorso, na face")
os olhos ("de preferência grandes")
as coxas ("com certo volume e lisas como pétalas")
assim como a porra da buceta
são delas
e tratam do seu corpo
como bem entendem!

Não,
elas não existem
pra te servir
exalando "o impossível perfume"
destilando "o embriagante mel"
olhando "com certa maldade inocente"
transformando-se em "fera sem perder a graça de ave"
e ainda (risos!) com uma atitude mental
"de altos píncaros"

[Uma putinha na cama
e uma anjinha
na vida, né,
Vinícius?]

Não!

Entendamos, logo,
nós,poetas-românticos todos,
nós,homens-machistas todos,
que a mulher não é uma
"corola ante
o pássaro"

(buceta
esperando
macho)

e que poesia
não é receita.

Que sejam
vadias, santas,
sem rimas
ou métricas,
Coralinas, Cecílias,
Pagus, Clarices,
Hildas, Adélias,
livres! e livres!

DE TEMPOS

em tempos

visto
meu cachecol
de silêncios

me arrumo
sem pressa
me olhando
inteiro

e
quando pronto

saio
prum novo encontro

- sempre intenso -

dessa relação
(não-monogâmica)
comigo mesmo.

LAISSEZ-FERRE

Profundamente
anticapitalista
renego
- com todo meu ser -
a monogamia:
esse perverso estado monopolista
de todas neuroses possessivas
a controlar, intervir e taxar
os corações
a cada
batida...

Abaixo a companhia limitada!

Completamente
revolucionário,
rompo todas barreiras
e me abro
em peito
ao arriscado,
- e, agora, imenso -
mercado
de ações fluídas,
aventuras efêmeras,
e intensas
transações e investidas...

Viva a sociedade anônima e ilimitada!

Agora sim
é que se vive

- profunda e
completamente -

o amor
livre

delivery.

À DERIVA

I.

as bocas
se engolem
sem fôlego
aos goles

se respiram
no oco
afogar
das fomes

II.

nas peles
se agarram
se arranham,
se mordem

buscam n'outro
- um sim?
um sopro? -
o que os salvem.

III.
as línguas
se torcem
num gemido,
último,

e os corpos
transbordam,
lentamente,
afundam.

IV.
passada
a ressaca
nas manhãs
nos mares

boiarão
sós
as carnes.

"tcheamo"
ou
"tchau"?

[hoje
em dia
tudo soa
tão igual...]

SIDERAÇÕES III

me abraça. faz frio. faz noite. faz silêncio. deixa o rio ali escorrendo. esquece o vento. esquece os animais de dentro. me abraça, aqui, à superfície. me abraça onde tua dor esquece. só pele. sol. não desce. não tenta entrar. nem me toque como se fosse mais, além... não! à pele, à fala... esquece... vem... quero tua carne. não tua sede. quero tua ossatura contra minha arcada. quero esse quase nada no universo, esse atrito pouco, um oco de gosto e cheiro. nada de horizontes, so-



nhos, olhares, apenas ossos e pele. e não tente me invadir, me domar, me amar como a um leãozinho, como a uma lua vista do fundo d'água, como a um calafrio. não! deixa ali nas várzeas todas as chaves e ca-deados. e não me olhe direto nos olhos. desvia teus modos, tua raiva, tua dor clandestina, tua beleza corcunda. despreza teu céu esta noite se quer minha companhia. deita tuas estrelas no chão, ou as guarda numa caixa velha de músicas, onde uma bailarina ainda gira, gira, inocente, gira. sim, as luzes se apagarão, sim. será breu. não se perca. tão pouco te guio! agüenta! usa as mãos, teus tatos, segue o faro, os contornos, o exato, não desce, não sobe, não transborde. fica! esfolta tudo

que não seja o agora contra meu peito. não se entregue ao que não vou te dar. não se dissolva em mim. lambe. apenas lambe. ou desenha com as unhas tua raiva em minha coluna. silêncio! não diga nada. não ouse qualquer palavra. não sonhe investidas contra a minha armada. estou em guarda. não solete meu nome, não recite solenidades. vão! Deixa teu verbo lá onde o sol disseca as carnes. onde brilha a verdade mais que clara. aqui, entre nós, palavras são como vento! sombras! frisos n'água... mas fique. estabelece-te no limite, no entre. não grite. sussurre, murmure, geme. não tema. finge a fortaleza. finge a ti mesmo como um amor armado de silêncios. finge e fica. vis à vis. entre o osso e o sopro. assente. sejamos sós e nus. mas não me deite teu rosto em minha mão, não tente ler tua sorte em meu corpo, não tente costurar tua fome às minhas vísceras, não, não arme armadilhas, que sou a voz antes de tua nuca sentir o arrepio. espanta qualquer intenção de mergulho. Flutua, flana, frui. vê as águas. vê a suave superfície sonora. seja assim. enfrenta minha face crua. não invente. não destrua. não consuma. não vingue. Não adule. não ame. bebe a imagem apenas. sorve o durante. vê! ouve! sou tua calma (feche os olhos). sou teu horror diante desta calma (abra os olhos). nada mais. nada além. te sirvo os sulcos do tempo. te sirvo os húmus da vida. nada aquém. nada a fundo. te acalma e me observa, cristalino. e quase nem me toca. espera. aceita. ora. sou apenas tua imagem e semelhança, Narciso.



RECADO PARA COLAR NO ESPELHO

Você não é especial,
amigo.

Te digo isso
com o carinho
- e com a corriqueira
indiferença -
de quem diz
"saúde!"
a um espirro.

Você não é especial.

Melhor que te diga isso
esta voz tranquila
dum poema
que nutre
tua solidão
clandestina
(em que
- oh, tão único! -
só você
se imagina.)

Menos, querido, menos.
Três passos atrás
e tua imagem
já se embaça
no espelho.

Insisto,
você não é especial...
Vocês todos
não são.

Haverá, talvez,
em ti, agora,
um riso irônico,
uma descrença,
ou licença que te proteja
de perceber que outros
- como você -
lêem este poema
com risos
igualmente irônicos,
similar licença
ou descrença.

Sim, é compreensível...

Todos,
- absolutamente tudo e todos -
te enganaram
desde o início:
te fizeram crer
que você era único
e, oh, insubstituível.

(o mercado,
com seu olhar cínico de currículos,
sabe bem mais de você
e de teu trato...
oh, trabalho humano abstrato)

Você não é especial...

Tua mãe, pequeno,
te enganou.
Teu professor do primário
te enganou.
Tuas namoradas,
- uma a uma -
te enganaram.

(E fechaste os olhos
quando tentaram
te mostrar teu humano
e comum fracasso!)

Os comercias de TV,
os shampoos pra teu especial tipo de cabelo,
o teu gerente no banco,
os cartões de crédito,
a puta, o psicanalista, o padre, o médico,
todos te enganaram...

Você mesmo,
todo dia,
ergue seu castelo kitsch
de qualidades raras
no espelho, no trabalho,
no social das redes,
no chuveiro
enquanto repassa
solitário
(com trilha de fundo)
tua história
- oh, tão própria! -
de acertos e fracassos
(como milhares agora mesmo o fazem).

Assim, tão especialmente educado,
é normal que, de início, não aceite...

Todos,
- e você não seria diferente -
negam, a princípio, os fatos...
mas seu corpo os conhece
e vão repetidamente
te sussurrando
à hora de dormir:

você não é especial!
você não é diferente!

Aquela paixão tão ardente nos olhos dela?
Brilhará novamente
- tão ou mais ardente -
sem seus olhos.

Aquele jeito próprio de gemer teu nome,
ou a fúria com que mordida tua pele,
o gozo conjunto pralém da morte?
Se repetirão indefinidas vezes
- mais ou menos
intensamente -
com tantos outros
"especiais"
igualmente.

E as palavras
que ela - ou ele - lhe disse
num certo momento
sublime...
novamente as dirá
com mesmo frescor
- sublimemente -
a quem for.

Você não é especial.
Aceite.

E o que te faria?
Mais conhecimento?
Mais beleza?
Coragem?
Consciência?
Mais dinheiro? Paz?
Tua tristeza?
Teu jeito excêntrico de fazer algo comum?
Teu desespero diante da morte e do sem sentido?
Tua revolucionária utopia?
Poesia?

Venha, querido,
me abrace..
aceite..
relaxe...

Você não é especial.

Se desfaça
dessa inútil
e pesada
courageira...

retire a
coroa de louros...

(só te atrapalha...)

Venha,
junte-se a todos...

você não é
especial...

a vida
é.

A cada momento
sua flor justa...

colhe o movimento,
não o que murcha.



FLORA

depois do primeiro fora,
me afundei na poesia...

depois do segundo "não",
aprendi violão...

teve o terceiro,
que doeu mais que o primeiro,
e aí eu fui viajar...

antes de chegar o quarto,
fui aprendendo tango,
e sem que o quinto sacasse,
eu já sabia atuar...

de fora em fora
foi afluorando

um "sim"
que "não"

algum
negará.

quem
trans
forma

o cis
tema

faz o
meu
gênero



HAY QUE ENTERCERSE...

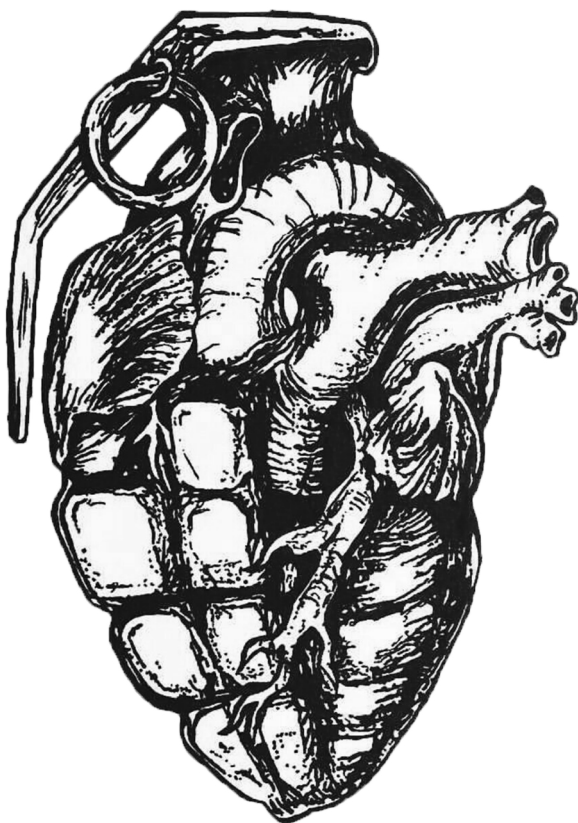
Qual a pedra
mais dura

senão
a ternura

que carregam
entre as mãos?



Coletânea de poemas para libertar o amor



seleção e tradução de Jeff Vasques

Apresentação

"Assim que se olharam, amaram-se; assim que se amaram, suspiraram; assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo; assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio." (William Shakespeare)

Diante dos terríveis fatos que envolvem o amor romântico (visíveis nos noticiários, nos casais conhecidos ou em suas próprias relações); diante do vazio, da tristeza, dos conflitos, das violências que essa relação vem gerando desde seu nascimento – com o capitalismo –, e que são vividas de forma muito mais destrutivas pelas mulheres, podemos assumir duas posturas. Uma, idealista, que considera todos esses casos como desvios do que seria realmente o Amor. Assim, renovaríamos nossa exaustiva busca pelo “verdadeiro amor” (obviamente, sustentando-se na exaltação de raras exceções, casais que, supostamente, “deram certo” e, muitas vezes, escondem um fosso negro de opressões e sufocamento mútuo). A segunda postura, mais realista, entende que o amor é justamente o que as estatísticas mostram como fato mais recorrente: infelicidade, abuso, opressão, violência... ou seja, uma relação possessiva, neurótica, machista, que impede nosso desenvolvimento pleno, travando a construção de uma afetividade e sexualidade saudáveis. Segundo essa visão, é preciso superar a hegemonia do amor, sustentada pelo sistema capitalista patriarcal, liberando outras possibilidades de afeto, mais livres.

Em paralelo à luta pela superação desse sistema, que se baseia na propriedade privada dos afetos e dos meios de produção da vida, precisamos constituir uma nova cultura, uma nova arte que denuncie o amor romântico e que projete e reflita um novo homem e uma nova mulher, ainda que contraditórios. É preciso constituir um novo cânone literário, garimpando na história @s escritores e escritoras que romperam com a tirania desse amor.

Com esta pequena “Coletânea de poemas para libertar o amor”, dou início, de forma ainda tímida, à constituição desse novo cânone na poesia. Conto com todes para ampliar cada vez mais essa antologia (me enviem suas sugestões!). Fica, aqui, o destaque especial para o livro de poemas “Cantar de amigo ao outro homem da mulher amada”, de Geir Campos que, já em 1982, expressava a vida de um trisal (do qual Geir fazia parte).

Jeff Vasques

ÍNDICE

- GEIR CAMPOS: 3a, 8a e 9a Cantiga de acordar mulher; Abertura
Zumzum; Transensorial; Exclusivismo; Conjugação
- MAURO IASI: O polvo; Fronteiras
- JACINTA PASSOS: Canção do amor livre
- DARDO S. DORRONZORO: O homem livre
- MARINA COLASANTI: Sexta-feira à noite; Se ele apenas;
Às seis da tarde
- THIAGO DE MELLO: Amor mais que imperfeito;
Para os que virão
- ROSÁRIO CASTELLANOS: Economia Doméstica; Elegia;
Meditação no umbral
- ROQUE DALTON: La joie de aimer; Terceiro poema de amor;
Para um melhor amor; Tua companhia; As promessas
- HAROLD NORSE: Eu não sou um homem
- JULIO CORTÁZAR: Uma carta de amor; Encargo; Amor 77;
Bolero
- CHARLES BUKOWSKI: Pássaro azul no meu coração; Um sorriso
para lembrar; Olá, como vai você?;
Sozinho com todo mundo
- ALLEN GINSBERG: Poema de amor sobre um tema de Whitman
- BOB DYLAN: Não sou eu, baby
- MARIO BENEDETTI: Amantes go home!; Te amo
- FERNANDO PESSOA: Eu nunca fui dos que a um sexo outro;
Não quero cloe, teu amor, que oprime;
Carta de término de Pessoa para Ophélia
- DOROTHY PARKER: Nota social; Infeliz coincidência;
Canção muito curta
- CHE GUEVARA: Contra vento e maré
- PHILIP LARKIN: Seja este o verso
- ALEX POLARI: Amar em aparelhos; Escusas poéticas II (trecho)
- ANA MARÍA RODAS: Assumamos a atitude de virgens;
De acordo; Lavemos o cabelo;
Digamos adeus
- W. H. AUDEN: Ó contem-me a verdade do amor
- GIOCONDA BELLÍ: Não me arrependo de nada; Regra do jogo
- EDNA ST. VICENT MILLAY: O amor não é tudo; Primeiro figo
- RAUL SEIXAS: A maçã

GEIR CAMPOS (Brasil, 1924-1999)

3ª CANTIGA DE ACORDAR MULHER

Das vozes que te embalavam
a esperança de menina
moça
guardaste mais, de tanto repisadas,
as perfumadas lições
da nobre arte de agarrar um homem.
De como te fazeres desejada,
amada porventura,
tudo aprendeste: os gestos, os meneios,
a graça de sorrir e de calar.
Hoje tens o teu homem
disposto a desdobrar-se em pão e vinho
para apagar tua fome.
por isso, que lhe hás de dar:
o trigo de tua pele, as uvas de tua boca?
Se sem a ponte do amor, tua lavoura é tão pouca...
Acorda: onde estão as vozes que te ensinaram a amar?

8ª CANTIGA DE ACORDAR MULHER

Vozes da esquerda, surdas,
e vozes da direita, afinadíssimas,
hão de louvar-te a arte
de ser mulher:
mansa como uma ovelha,
jeitosa como uma gata de luxo,
dócil e generosa como uma árvore
a se multiplicar em sombra e frutos,
como uma estátua impassível,
hábil de acordo com as conveniências,
e acima disso
crente em ser esse o teu ideal de vida...
Acorda: pois foi essa
a sorte que escolheste?

9a. CANTIGA DE ACORDAR MULHER

Um dia te acharás
sem inteirar a casa:
ouvirás o marido ressonando,
os filhos dormindo em calma...
O espelho te acenará,
te lembrará coisas da mocidade,
coisas da meninice,
te mostrará vindas algumas rugas;
contemplarás o espelho,
o quarto, a casa;
perguntarás por ti mesma,
pelo teu próprio destino
– e o espelho fará silêncio:
será o sinal de estares acordando.

ABERTURA

A ninguém se condena por ter mais
de um amigo ou amiga, e até se diz
que amizades adubam a raiz
do sucesso nas rodas sociais.

Já se a mesma pessoa tiver mais
de um amado ou amada, o que se diz
é que deve extirpar o mal pela raiz
esse cancro das rodas sociais.

Mas amor e amizade não serão
dois nomes de uma única emoção?
Se amizade é tão só um amor sem sexo,

que amigos e amigas enfim serão
os que, abrindo o estatuto da emoção,
dão também foro de amizade ao sexo?

ZUM ZUM

Ela tem dois amigos, dirá um.
Ele é um amigo do casal, dirá
Outro. E o que é dito aqui faz eco lá,
E a cada voz amplia-se o zunzum.

Diz-que-diz-que é a maneira mais comum
de se fingir que entende o que não dá
para entender e assim não chegará
a entendimento verdadeiramente algum.

Quem quiser sobre nós saber ao certo
O que de fato existe, chegue perto
E espie bem, sem medo ou preconceito:

Dois homens há de ver e uma mulher
E o bem que cada qual aos outros quer
Num exemplo de amor quase perfeito.

TRANSENSORIAL

Talvez não venham a saber jamais
quanto de mim em ti carregas quando
vais ter com ela e fico só pensando
no que costuma haver entre os casais:

em pensamento vou a quanto vais
e quando a olhas eu a estou olhando
e quando a tocas eu a estou tocando
e teus genitais são meus genitais...

Quando chegas alfim de estar com ela
vejo teus olhos e ouço os olhos dela
dizendo coisas que ela a mim não diz:

vens leve e é também minha essa leveza
- e a alegria que em mim acham acesa
é mais um jeito meu de ser feliz.

EXCLUSIVISMO

Quem foi que disse que o amor embarca
de cada vez um passageiro só?
Talvez agrade ao sonso patriarca
ver exclusivo assim correr o nó

que reduz o tesouro a uma só arca
e reduz o moinho à uma só mó,
mas é no avesso uma visão bem parca
do deus que a vida faz surgir do pó...

Sendo o amor um dilúvio de emoção,
por que não admitir que chova então
a um tempo sobre mais de uma pessoa?

- quarenta noites e quarenta dias,
e a promessa de novas alegrias
na graça de uma pomba que revoa.

CONJUGAÇÃO

Pleno de aspectos, modos e maneiras,
o verbo amar conjuga-se em nós três
ao mesmo tempo ou num de cada vez
e todas as pessoas são primeiras.

Tratando-se de um verbo tão cortês,
parece não haver quem o não queira
de pronto conjugar - mais que à fieira
dos outros do idioma português.

Amamos, ela e tu e eu, na voz
ativa ou na passiva, e tudo em nós
são formas naturais do verbo amar

que, multívoco em nós, tem muito mais
sentidos que outros verbos conjugais
- plural no que mais tem de singular.

MAURO IASI (Brasil, 1960)

O POLVO

Ai... um polvo!
Tentáculos na sala de estar.
Nada mais incômodo que
tentáculos pegajosos.
Este pedaço de vida
que voa pela janela
não é aquele onde eu dizia:
"Eu já resolvi isto"?
Jurei ser diferente.
Papai casou com mamãe,
perante a Igreja e a Lei.
Juraram ser felizes:
mentiram!
Nem Deus, nem os juizes
parecem se preocupar.
Eu não...
Reneguei altares,
cuspi nos papéis amarelados
dos livros de registros civil.
Comigo não...
Apaixonei-me
por olhos meigos,
por uma boca pequena
que guardava palavras doces
e beijos serenos.
Dormimos juntos
moramos juntos
juntos vivemos
comemos
saímos
amamos.
O dia o café o almoço
a escova de dentes
os hábitos
o hálito os sábados

os mitos
os fatos os filhos.
O ato falho
as falas as facas
as falas feito facas
as feridas
Meus filhos me olham
como a dizer:
"Papai casou-se com mamãe.
nada jurou a ninguém,
nem a Deus, nem a Lei.
Não registrou seu casamento burguês
por isso pensa que sua infelicidade
é diferente".
Tem um polvo na sala de estar!
Nada mais grudento que um polvo.
Seus tentáculos enormes e infinitos
crescem a cada dia.
Logo eu que detesto polvos.
Como, por diabos, apareceu este por aqui?
Como teria crescido tanto?
Isto eu penso
enquanto, calmamente,
alimento o polvo
como faço todos os dias.

FRONTEIRAS

Os corações
(assim como as pátrias)
não deviam ter fronteiras.
Queria explodi-los
em suspiros, gozo e anátemas
para que de tantos pedços
brotassem outras centenas.
Os corações
(assim como as pátrias)
não deviam ter fronteiras...
mas têm.

JACINTA PASSOS (Brasil, 1914-1973)

CANÇÃO DO AMOR LIVRE

Se me quiseses amar
não despe somente a roupa.

Eu digo: também a crosta
feita de escamas de pedra
e limo dentro de ti,
pelo sangue recebida
tecida
de medo e ganância má.
Ar de pântano diário
nos pulmões.
Raiz de gestos legais
e limbo do homem só
numa ilha.

Eu digo: também a crosta
essa que a classe gerou
vil, tirânica, escamenta.

Se me quiseses amar.

Agora teu corpo é fruto.
Peixe e pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
ai rija
cintura de potro bravo.
Teu corpo.

Relâmpago depois repouso
sem memória, noturno.

DARDO S. DORRONZORO **(Argentina, 1913-1976?)**

(tradução de Jeff Vasques)

O HOMEM LIVRE

Estavam os dois homens em um calabouço.

– Por quê estás preso? – perguntou um.

– Porque sou livre – respondeu o outro.

– E que é a liberdade?

– A liberdade não existe, como não existe o homem.

Só existe o homem esfomeado e o homem livre.

– E o que é ser um homem livre?

– Não dizer e não fazer o que os homens livres querem que se diga e faça.

– E se te obrigam?

O homem livre riu.

– Precisamente – disse –, aí está a força do homem livre. Ninguém pode obrigá-lo a dizer nem fazer o que não quer.

– No entanto – disse o outro -, agora, por exemplo, te obrigam a não estar com a mulher que amas.

– E quem te disse – respondeu o homem livre – que não estou com ela?

MARINA COLASANTI (Brasil, 1937)

SEXTA-FEIRA À NOITE

Sexta-feira à noite
os homens acariciam o clitóris das esposas
com dedos molhados de saliva.
O mesmo gesto com que todos os dias
contam dinheiro papéis documentos
e folheiam nas revistas
a vida dos seus ídolos.

Sexta-feira à noite
os homens penetram suas esposas
com tédio e pênis.
O mesmo tédio com que todos os dias
enfiam o carro na garagem
o dedo no nariz
e metem a mão no bolso
para coçar o saco.

Sexta-feira à noite
os homens ressonam de borco
enquanto as mulheres no escuro
encaram seu destino
e sonham com o príncipe encantado.

SE ELE APENAS

Diz a lenda que o poeta
Li Po
afogou-se na noite em que
embriagado
quis agarrar a Lua
sobre o lago.
É lenda, bem se vê.
Pois a verdade é que
a Lua

teria seguido o poeta
a qualquer canto
se ele apenas a tivesse chamado.

ÀS SEIS DA TARDE

Às seis da tarde
as mulheres choravam
no banheiro.
Não choravam por isso
ou por aquilo
choravam porque o pranto subia
garganta acima
mesmo se os filhos cresciam
com boa saúde
se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom
e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
às seis da tarde
as mulheres regressam do trabalho
o dia se põe
os filhos crescem
o fogo espera
e elas não podem
não querem
chorar na condução.

THIAGO DE MELLO (Brasil, 1926)

AMOR MAIS QUE IMPERFEITO

Não do amor. De mim duvido.
Do jeito mais que imperfeito
que ainda tenho de amar.

Com frequência reconheço
a minha mão escondida
dentro da mão que recebe
a rosa de amor que dou.

Espiando o meu próprio olhar,
escondido atrás estou
dos olhos com que me vês.
Comigo mesmo reparto
o que pretende ser dádiva,
mas de mim não se desprende.

Por mais que me prolongue
no ser que me reparte,
de repente me sinto
o dono da alegria
que estremece a pele
e faz nascer luas
no corpo que abraço.

Não do amor. De mim duvido
quando no centro mais claro
da ternura que te invento
engasto um gosto de preço.
Mesmo sabendo que o prêmio
do amor é apenas amar.

PARA OS QUE VIRÃO

Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.

Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:
principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular - foi deixando,
devagar, sofredamente
de ser, para transformar-se
- muito mais sofredamente -
na primeira e profunda pessoa
do plural.

Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)
Se trata de abrir o rumo.

ROSÁRIO CASTELLANOS (México, 1925-1974)

(traduções de jeff vasques)

ECONOMIA DOMÉSTICA

Aqui está a regra de ouro, o segredo da ordem:
ter um lugar para cada coisa e ter
cada coisa em seu lugar. Assim arrumei minha casa.
Impecável prateleira a dos livros:
um compartimento para as novelas,
outro para o ensaio
e a poesia em tudo mais.
Se abres um armário sentes a alfazema
e não confundirás as toalhas de linho
com as que se usam cotidianamente.
E há também a louça de grande ocasião
e a outra que se usa, se quebra, se repõe
e nunca está completa.
A roupa em sua gaveta correspondente.
E os móveis guardando as distâncias
e a composição que os faz harmoniosos.
Naturalmente que a superfície
(do que seja) está polida e limpa.
E é também natural
que o pó não se esconda nos cantos.
Mas há algumas coisas
que provisoriamente coloquei aqui e ali
ou que deixei no lugar dos utensílios.
Algumas coisas. Por exemplo, um pranto
que não se chorou nunca;
uma nostalgia de que me distraí,
uma dor, uma dor da qual se apagou o nome,
um juramento não cumprido, uma ânsia.
Que se desvaneceu como o perfume
de um frasco mal fechado
e retalhos do tempo perdido em qualquer parte.
Isto me inquieta. Sempre digo: amanhã...
e logo esqueço. E mostro às visitas,
orgulhosa, uma sala na qual resplandesce
a regra de ouro que me deu minha mãe.

ELEGIA

Nunca, como a teu lado, fui de pedra.

E eu que me sonhava nuvem, água,
ar sobre a folha,
fogo de mil mutantes labaredas,
só soube fazer,
pesar, que é o que sabe fazer a pedra
ao redor do pescoço do afogado..

MEDITAÇÃO NO UMBRAL

Não, não é a solução
atirar-se debaixo de um trem como a Ana de Tolstoy
nem consumir o arsênico de Madame Bovary
nem aguardar na planície solitária de Ávila a visita
do anjo com a flecha
antes de amarrar o manto à cabeça
e começar a atuar.

Nem concluir as leis geométricas, contando
as vigas da cela de castigo
como o fez Sor Juana. Não é a solução
escrever, enquanto chegam as visitas,
na sala de estar da família Austen
nem fechar-se na mansarda
de alguma residência da Nova Inglaterra
e sonhar, com a Bíblia dos Dickinson,
debaixo de uma almofada de solteira.

Deve haver outro modo que não se chame
Safoni Mesalina nem María Egipcíaca
nem Madalena nem Clemencia Isaura.
Outro modo de ser humano e livre.
Outro modo de ser.

ROQUE DALTON (El Salvador, 1935-1975)

(traduções de jeff vasques)

LA JOIE DE AIMER

Não me ames
para esgotar teu destino.
Não me ames
com a fé de construir uma tragédia contemporânea.
Ria-te à todas luzes, carinho.
Ria em toda esta etapa de bela vizinhança.
Ria-te, ria-te,
ainda que seja de mim.

TERCEIRO POEMA DE AMOR

A quem diga que nosso amor é extraordinário
porque nasceu de circunstâncias extraordinárias
lhe responda que precisamente lutamos
para que um amor como o nosso
(amor entre companheiros de combate) chegue a ser
em El Salvador
o amor mais comum e corrente quase o único.

PARA UM MELHOR AMOR

"O sexo é uma categoria política" Kate Mills

Ninguém discute que o sexo
é uma categoria no universo dos casais:
daí sua ternura e suas ramas selvagens.
Ninguém discute que o sexo
é uma categoria familiar:
daí os filhos,
as noites em comum
e os dias divididos
(ele, buscando o pão nas ruas,
nas oficinas e nas fábricas;
ela, na retaguarda dos ofícios domésticos,

na estratégia e tática da cozinha
que permitam sobreviver à batalha comum
talvez até o fim do mês.)

Ninguém discute que o sexo
é uma categoria econômica:
basta mencionar a prostituição,
as modas,
as seções das revistas que são para ela
ou são para ele.

Onde começa a confusão
é quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política.
Porque quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política
pode começar a deixar de ser mulher em si
para converter-se em mulher para si,
constituir a mulher em mulher
a partir de sua humanidade
e não de seu sexo,
saber que o desodorante mágico com sabor de
limão
e o sabão que acaricia voluptuosamente sua pele
são fabricados pela mesma empresa que fabrica o
napalm
saber que os labores próprios do lar
são os labores próprios da classe social a que per-
tence esse lar,
que a diferença de sexos
brilha muito melhor na profunda noite amorosa
quando se conhece todos esses segredos
que nos manteriam mascarados e alheios.

TUA COMPANHIA

Quando anoitece e fraca
uma forma de paz se me acerca,
é tua lembrança pão de semente, fio místico,
com que minhas mãos quietas
são previsoras para meu coração

Diria-se: para o cego distante
que mais dará a espuma, o pó?

Porém és tu solidão a que povoa minhas noites,
quem não me deixa só, a ponto de morrer.
Somos de tal maneira multitude silenciosa...

AS PROMESSAS

Tu serás a última mulher da minha vida
Oh Rosei Marie "blanche colombienne" lábios de flor recém
colhida

Teus olhos profundos alcançam - e preenchem de luz -
os anos que me restam para adivinhar o dia de minha morte.

(As melhores promessas são as que - ditas ardentemente -
se violam logo com grande dor
debaixo da sombra de todos os remorsos).

Tu serás a última mulher da minha vida
oh pequena Cristina...

HAROLD NORSE (EUA, 1916-2009)

(tradução de Jeff Vasques)

EU NÃO SOU UM HOMEM

Eu não sou um homem, não consigo ganhar a vida, comprar coisas novas pra minha família.

Eu tenho espinhas e um pau pequeno.

Eu não sou um homem. Eu não gosto de futebol, boxe e carros.

Eu gosto de expressar meus sentimentos. Eu até gosto de colocar meu braço

sobre os ombros de meus amigos.

Eu não sou um homem. Eu não vou jogar o papel que me foi atribuído - o papel criado

pela Madison Avenue, pela Revista Playboy, Hollywood e por Oliver Cromwell.

Televisão não dita meu comportamento.

Eu não sou um homem. Uma vez quando atirei num esquilo eu jurei que nunca mais mataria de novo. Desisti da carne. Ver sangue me deixa doente.

Eu gosto de flores.

Eu não sou um homem. Fui preso por resistir ao recrutamento. Eu não brigo

quando homens de verdade me batem e me chamam de bicha. Eu não gosto de violência.

Eu não sou um homem. Eu nunca estuprei uma mulher. Eu não odeio os negros.

Eu não fico emotivo quando agitam a bandeira. Eu não acho que deveria

amar a América ou deixá-la. Eu acho que eu deveria rir dela.

Eu não sou um homem. Eu nunca tive gonorréia.

Eu não sou um homem. Playboy não é minha revista favorita.

Eu não sou um homem. Eu choro quando estou triste.

Eu não sou um homem. Eu não me sinto superior às mulheres.

Eu não sou um homem. Eu não uso suspensórios.

Eu não sou um homem. Eu escrevo poesia.

Eu não sou um homem. Eu medito sobre paz e amor.

Eu não sou um homem. Eu não quero te destruir.

JULIO CORTÁZAR (Argentina, 1914-1984)

(traduções de Jeff Vasques)

UMA CARTA DE AMOR

Tudo que de você eu quis
é tão pouco no fundo
porque no fundo é tudo,

como um cachorro que passa, uma colina,
essas coisas de nada, cotidianas,
espiga, cabelo e dois torrões
o odor de teu corpo,
o que diz de qualquer coisa,
comigo ou contra mim,

tudo isso é tão pouco,
e quero tudo isso de vós porque te quero.

Que olhes para além de mim,
que me ames com violenta prescindência
da manhã, que o grito
de sua entrega se lance
na cara de um chefe de repartição,

e que o prazer que juntos inventamos
seja outro signo da liberdade.

ENCARGO

Não me dê trégua, não me perdoes nunca.
Fustiga-me no sangue, que cada coisa cruel seja tu que
voltas.

Não me deixes dormir, não me dê paz!
Então ganharei meu reino,
nascerei lentamente.

Não me perdas como uma música fácil, não sejas carícia nem
luva;

tálha-me como um sílex, desespera-me.

Guarda teu amor humano, teu sorriso, teu cabelo. Os dê.

Vem a mim com tua cólera seca de fósforos e escamas.
Grita. Vomita-me areia na boca, rompe-me as goelas.
Não me importa ignorar-te em pleno dia,
saber que jogas cara ao sol e ao homem.
Compartilha!

Eu te peço a cruel cerimônia do talho,
o que ninguém te pede: as espinhas
até o osso. Arranca-me esta cara infame,
obriga-me a gritar ao fim meu verdadeiro nome.

AMOR 77

E depois de fazer tudo o que fazem, se levantam, se
banham, se entalcam, se perfumam, / se penteiam, se
vestem, e assim progresivamente vão voltando a ser / o
que não são.

BOLERO

Que vaidade imaginar
que posso te dar tudo, o amor e o futuro,
itinerários, música, joguetes.
É certo que é assim:
tudo meu te dou, é certo,
mas tudo meu não te basta
como a mim não me basta que me dê
tudo teu.

Por isso não seremos nunca
o casal perfeito, o cartão postal,
se não somos capazes de aceitar
que só na aritmética
o dois nasce do um mais um.

Por aqui um papelzinho
que somente diz:

Sempre fostes meu espelho,
quero dizer que para me ver tinha que te olhar.

CHARLES BUKOWSKI (EUA, 1920-1994)

(traduções de jeff vasques)

OLÁ, COMO VAI VOCÊ?

este medo de ser o que eles são:
um morto.

pelo menos eles não circulam pelas ruas, eles
se cuidam e ficam lá dentro, aqueles
branquelas esquizóides
que se sentam solitários na frente de suas tvs,
com suas vidas cheias de risadinhas mutiladas e enlatadas.

sua vizinhança ideal
de carros estacionados
de gramadinhos verdes
de casinhas
de portinhas que se abrem e se fecham
quando seus parentes aparecem pra uma visitinha nos feriados
as portas se fechando
diante dos que morrendo morrem tão lentamente
diante dos mortos que ainda estão vivos
na sua quieta e típica vizinhança
de ruas sinuosas
de agonia
de confusão
de horror
de medo
de ignorância.

um cachorro parado atrás da cerca.

um homem silencioso na janela.

SOZINHO COM TODO MUNDO

a carne cobre o osso
e eles jogam uma mente
ali dentro e
às vezes até alma,
e as mulheres quebram
vasos contra as paredes
e os homens bebem
muito
e ninguém acha
aquele escolhido que procuram
mas continuam
rastejando pra dentro e pra fora
das camas.
o osso e a
carne procurando
mais do que
carne.

não há chance
alguma:
estamos todos presos
por um destino
singular.

ninguém nunca encontra
o outro que procura.

os esgotos enchem
os ferros-velhos enchem
os hospícios enchem
os hospitais enchem
os cemitérios enchem

nada mais
se preenche.

CECÍLIA MEIRELES (BRASIL, 1901-1964)

TU TENS UM MEDO

Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo dia.
No amor.
Na tristeza
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.
Não ames como os homens amam.
Não ames com amor.
Ama sem amor.
Ama sem querer.
Ama sem sentir.
Ama como se fosses outro.
Como se fosses amar.
Sem esperar.
Tão separado do que ama, em ti,
Que não te inquiete
Se o amor leva à felicidade,
Se leva à morte,
Se leva a algum destino.
Se te leva.
E se vai, ele mesmo...
Não faças de ti
Um sonho a realizar.

Vai.
Sem caminho marcado.
Tu és o de todos os caminhos.
Sê apenas uma presença.
Invisível presença silenciosa.
Todas as coisas esperam a luz,
Sem dizerem que a esperam.
Sem saberem que existe.
Todas as coisas esperarão por ti,
Sem te falarem.
Sem lhes falares.
Sê o que renuncia
Altamente:
Sem tristeza da tua renúncia!
Sem orgulho da tua renúncia!
Abre as tuas mãos sobre o infinito.
E não deixes ficar de ti
Nem esse último gesto!
O que tu viste amargo,
Doloroso,
Difícil,
O que tu viste inútil
Foi o que viram os teus olhos
Humanos,
Esquecidos...
Enganados...
No momento da tua renúncia
Estende sobre a vida
Os teus olhos
E tu verás o que vias:
Mas tu verás melhor...
... E tudo que era efêmero
se desfez.
E ficaste só tu, que é eterno.

ALLEN GINSBERG (EUA, 1926-1997)

(tradução de Cláudio Willer)

POEMA DE AMOR SOBRE UM TEMA DE WHITMAN

Entrarei silencioso no quarto de dormir e me deitarei
entre noivo e noiva,
esses corpos caídos do céu esperando nus em sobressalto,
braços pousados sobre os olhos na escuridão,
afundarei minha cara em seus ombros e seios, respirarei
tua pele
e acariciarei e beijarei a nuca e a boca e mostrarei seu
traseiro,
pernas erguidas e dobradas para receber,
caralho atormentado na escuridão, atacando,
levantado do buraco até a cabeça pulsante,
corpos entrelaçados nus e trêmulos,
coxas quentes e nádegas enfiadas uma na outra
e os olhos, olhos cintilando encantadores,
abrindo-se em olhares e abandono,
e os gemidos do movimento, vozes, mãos no ar, mãos
entre as coxas,
mãos, na umidade de macios quadris, palpitante contração
de ventres
até que o branco venha jorrar no turbilhão dos lençóis
e a noiva grite pedindo perdão
e o noivo se cubra de lágrimas de paixão e compaixão
e eu me erga da cama saciado de últimos gestos íntimos
e beijos de adeus -
tudo isso antes que a mente desperte,
atrás das cortinas e portas fechadas da casa escurecida
cujos habitantes perambulam insatisfeitos pela noite,
fantasmas desnudos buscando-se no silêncio.

BOB DYLAN (EUA, 1941)

(tradução de jeff vasques)

NÃO SOU EU, BABY

Vá embora pela minha janela
Vá embora na velocidade que você quiser
Não sou quem você quer, baby
Não sou quem você precisa.
Você diz que está procurando por alguém
Que nunca seja fraco, mas sempre forte
Para te proteger e te defender
Sempre que você esteja errada ou certa
Alguém para abrir toda e qualquer porta...

(refrão) Mas não sou eu, baby / Não, não, não, não
sou eu, baby / Não sou eu quem você está procurando.

Vá levemente pelos cantos, baby
Vá levemente pelo chão
Não sou quem você quer, baby
Eu vou sempre te deixar cair.
Você diz que está procurando por alguém
Que prometa nunca partir
Alguém que feche seus próprios olhos por você
Alguém que feche seu coração
Alguém que morra por você e mais... (refrão)

Vá fundir-se novamente à noite, baby,
Tudo aqui dentro é feito de pedra.
Não há nada se movendo aqui
E, mesmo assim, eu não estou sozinho.
Você diz que está procurando por alguém
Que vá te segurar cada vez que você cair,
Que vá te dar flores constantemente
E que vá vir sempre que você chamar,
Um amor pra sua vida e nada mais.... (refrão)

MARIO BENEDETTI (Uruguai, 1920-2009)

(tradução de Jeff Vasques)

AMANTES GO HOME!

Agora que comecei o dia
voltando a teu olhar
e me encontraste bem
e te encontrei mais linda.

Agora que por fim
está bastante claro
onde estás e onde estou.

Sei pela primeira vez
que terei forças
para construir contigo
uma amizade tão legal,
que do vizinho
território do amor,
esse desesperado,
começarão a nos olhar
com inveja,
e acabarão organizando
excursões
para nos perguntar
como fizemos.

TE AMO

Tuas mãos são minha carícia
Meus acordes cotidianos
Te amo porque tuas mãos
Trabalham pela justiça

Se te amo é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois

Teus olhos são meu conjuro
Contra a má jornada
Te amo por teu olhar
Que olha e semeia futuro

Tua boca que é tua e minha
Tua boca não se equivoca
Te amo porque tua boca
Sabe gritar rebeldia

Se te amo é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois

E por teu rosto sincero
E teu passo vagabundo
E teu pranto pelo mundo
Porque és povo te amo

E porque o amor não é auréola
Nem cândida moral
E porque somos casal
Que sabe que não está só

Te amo em meu paraíso
E dizer que em meu país
As pessoas vivem felizes
Embora não tenham permissão

Se te amo é porque tu és
Meu amor, meu cúmplice e tudo
E na rua lado a lado
Somos muito mais que dois.

RICARDO REIS

(Fernando Pessoa, Portugal, 1888-1935)

EU NUNCA FUI DOS QUE A UM SEXO OUTRO

Eu nunca fui dos que a um sexo o outro
No amor ou na amizade preferiram.
Por igual a beleza eu apeteço
Seja onde for, beleza.

Pousa a ave, olhando apenas a quem pousa
Pondo querer pousar antes do ramo;
Corre o rio onde encontra o seu retiro
E não onde é preciso.

Assim das diferenças me separo
E onde amo, porque o amo ou não amo,
Nem a inocência inata quando se ama
Julgo postergada nisto.

Não no objecto, no modo está o amor,
Logo que a ame, a qualquer coisa amo.
Meu amor nela não reside, mas
Em meu amor.

Os deuses que nos deram este rumo
Também deram a flor pra que a colhêssemos
E com melhor amor talvez colhamos
O que pra usar buscamos.

QUEM NOS AMA NÃO MENOS NOS LIMITE

Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
Não menos nos limita.
Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade
Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos deuses.

NÃO QUERO CLOE, TEU AMOR, QUE OPRIME

Não quero, Cloe, teu amor, que oprime
Porque me exige amor. Quero ser livre.
A 'sperança é um dever do sentimento.

CARTA DE TÉRMINO DE F. PESSO À OPHELIA

Ophelinha:

Agradeço a sua carta. Ella trouxe-me pena e allivio ao mesmo tempo. Pena, porque estas cousas fazem sempre pena; allivio, porque, na verdade, a unica solução é essa - o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amisade inalteravel. Não me nega a Ophelinha outro tanto, não é verdade? Nem a Ophelinha, nem eu, temos culpa nisto. Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se attribuissem. O Tempo, que envelhece as faces e os cabellos, envelhece tambem, mas mais depressa ainda, as affeições violentas. A maioria da gente, porque é estúpida, consegue não dar por isso, e julga que ainda ama porque contrahi o habito de se sentir a amar. Se assim não fosse, não havia gente no mundo. As creaturas superiores, porém, são privadas da possibilidade d'essa illusão, porque nem podem crer que o amor dure, nem, quando o sentem acabado, se enganam tomando por elle a estima, ou a gratidão, que elle deixou. Estas cousas fazem soffrer, mas o soffrimento passa. Se a vida, que é tudo, passa por fim, como não hão de passar o amor e a dor, e todas as mais cousas, que não são mais que partes da vida? Na sua carta é injusta para commigo, mas comprehendo e desculpo; decerto a escreveu com irritação, talvez mesmo

com magua, mas a maioria da gente – homens ou mulheres – escreveria, no seu caso, num tom ainda mais acerbo, e em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio optimo, e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade. Quando casar, se não tiver a felicidade que merece, por certo que não será sua a culpa.

Quanto a mim...

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalteravel, e não esquecerei nunca – nunca, creia – nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua indole amovel. Pode ser que me engane, e que estas qualidades, que lhe attribuo, fossem uma illusão minha; mas nem creio que fossem, nem, a terem sido, seria desprimor para mim

que lh'as attribuisse. Não sei o que quer que lhe devolva – cartas ou que mais. Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memoria viva de um passado morto, como todos os passados; como alguma coisa de commovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos annos é par do progresso na infelicidade e na desillusão. Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infancia, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memoria profunda do seu amor antigo e inutil.

Que isto de «outras afeições» e de «outros caminhos» é consigo, Ophelinha, e não commigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existencia a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais á obediência a Mestres que não permitem nem perdoam. Não é necessário que comprehenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha. Fernando

DOROTHY PARKER (EUA, 1893-1967)

NOTA SOCIAL

Moça, moça, se encontrar
um que não dá o que falar,
um que diz que sua esposa
é o amor da vida toda,
um que vive te jurando
que foi fiel, foi um santo
e só tem olhos pra você...
Moça, moça, é bom correr!

INFELIZ COINCIDÊNCIA

Enquanto você jura que é dele,
E treme, e suspira leniente,
E ele declara que infinita e imortal
É a paixão que sente
- Lady, faça uma nota disto:
- Um de vocês mente.

CANÇÃO MUITO CURTA

Certa vez, na juventude,
Feriram meu coração –
Feriram de forma rude
E o jogaram ao chão.

Amor é lenda sem sorte,
Amor é maldição.
Pior que isso só o porte
De meu coração.

CHE GUEVARA (Argentina, 1928-1967)

(tradução de Jeff Vasques)

CONTRA VENTO E MARÉ

Este poema (contra vento e maré) levará minha assinatura.

Deixo-lhe seis sílabas sonoras,

um olhar que sempre traz (como um pássaro ferido)

ternura,

um anseio de profundas águas mornas,

um escritório escuro em que a única luz é a destes versos

meus,

um dedal muito usado para suas noites tediosas,

uma fotografia de nossos filhos.

A mais linda bala desta pistola que sempre me acompanha,

a memória indestrutível (sempre latente e profunda) das crianças

que, um dia, você e eu concebemos.

E o pedaço de vida que me resta.

Isto eu entrego (convicto e feliz) à revolução.

Nada que possa nos unir terá força maior.

(escrito para a esposa Aleida Marh da selva boliviana em 1967, ano de sua morte)

PHILIP LARKIN
(Inglaterra, 1922-1985)

(trad. de Alípio Correia de Franca)

SEJA ESTE O VERSO

Eles te fodem, teus queridos pais.
É sem querer, só que a verdade é esta –
Te enchem das culpas que tiveram mais
E dão, só pra você, uma dose extra.

Mas eles se foderam com uns néscios
De paletós e de chapéus à antiga,
Durante o dia, piegas e perversos,
À noite, se esganando numa briga.

Legamos dor aos nossos semelhantes,
Como um recife, ela se crava fundo.
Por isso, saia dessa o quanto antes,
E nunca ponha filhos neste mundo.

ALEX POLARI (Brasil, 1951)

AMAR EM APARELHOS

Era uma coisa louca
tregar naquele quarto
com a cama suspensa
por quatro latas
com o fino lençol
todo ele impresso
pelo valor de teu corpo
e a tinta do mimeógrafo.

Era uma loucura
se despedir da coberta
ainda escuro
fazer o café
e a descoberta
de te amar
apesar dos pernilongos
e a consciência
de que a mentira
tem pernas curtas.

Não era fácil
fazer o amor
entre tantas metralhadoras
panfletos, bombas
apreensões fatais
e os cinzeiros abarrotados
eternamente com o teu Continental,
preferência nacional.

Era tão irracional
gemer de prazer
nas vésperas de nossos crimes
contra a segurança nacional
era duro rimar orgasmo
com guerrilha
e esperar um tiro
na próxima esquina.

Era difícil
jurar amor eterno
estando com a cabeça
à prêmio
pois a vida podia terminar
antes do amor.

ESCUSAS POÉTICAS II **(trecho do poema)**

Alguns companheiros reclamam
que entre tantas imagens bonitas
eu diga em meus poemas que gosto de chupar bucetas
e não vejo como isso atrapalhe a marcha para o socialismo
que é também o meu rumo. Mais ainda,
eu gostaria que nessa nova sociedade por qual luto
todos passassem a chupar bucetas a contento
todos redescobrissem seus corpos massacrados
todos descobrissem que o medo e a aversão ao prazer
a que foram submetidos foi e será sempre
apenas a estratégia dos tiranos.

(...)

ANA MARÍA RODAS (Guatemala, 1937)

(tradução de Jeff Vasques)

ASSUMAMOS A ATITUDE DE VIRGENS

Assumamos a atitude de virgens

Assim

nos querem

eles.

Forniquemos mentalmente

suave, muito suavemente

com a pele de algum fantasma.

Sorriamos

femininas

inocentes.

E à noite, cravemos o punhal

e brinquemos no jardim

abandonemos

isto que fede à morte.

DE ACORDO

sou ferosa, ciumenta

volúvel

e cheia de luxúria.

Que esperavam?

Que tivesse olhos

glândulas

cérebro, trinta e três anos

e que atuasse

como o cipreste de um cemitério?

LAVEMOS O CABELO

Lavemos o cabelo
e desnudemos o corpo.

Eu tenho e você também
irmã
dois peitos
e duas pernas e uma vagina.

Não somos criatura
que subsistem com suspiros.

Já não sorrimos
já não mais falsas virgens

nem mártires que esperam na cama
o cuspe ocasional do macho.

DIGAMOS ADEUS

Veja, não sintas pena,
minha angústia
é menos
dura.
Tu foges de si mesmo.
Eu só fujo de ti.

W. H. AUDEN (Inglaterra, 1907-1973)

(tradução de Margarida Vale de Gato)

Ó CONTEM-ME A VERDADE DO AMOR

Há quem diga que o amor é um rapazinho
E quem diga que é uma ave;
Dizem que faz girar o mundo sozinho
Há quem ache um erro grave:
Mas quando quis saber pelo meu vizinho
Que me pareceu entendido,
A sua mulher ficou muito sentida
E disse que era proibido.

Será que parece um pijama
Ou um presunto numa estância termal,
Será que o cheiro lembra um lama
Ou tem um perfume floral?
Será áspero como arame farpado
Ou suave como um macio cobertor,
Será cortante ou polido nos lados?
Ó contém-me a verdade do amor.

Os livros de história referem-se-lhe
Em crípticos traços românticos,
E é um assunto vulgar
Nos navios transatlânticos;
Já vi o tema abordado
Em relatos suicidários,
E até o vi escrevinhado
Em guias ferroviários.

Uiva ele tal lobo esfaimado,
Ou ribomba tal banda da armada,
Será o seu som fielmente imitado
Num serrote ou num Steinway de cauda,
Será que gosta do estilo Clássico
Ou que nas festas é provocador,

Calar-se-á a meu mando tácito?
Ó contém-me a verdade do amor.

Procurei na casa de Verão
Mas não o achei desta guisa,
No ar revigorante de Brighton,
Nem em Maidenhead, no Tamisa,
Não entendo a voz da roseira,
Nem sei do melro a canção,
Mas não estava na capoeira
Nem debaixo do colchão.

É mestre em caretas sortidas,
Entontece num carrossel,
Ou passa o tempo em corridas,
Brincando com fios de cordel,
Tem ideias sobre o dinheiro,
Defende da pátria o louvor,
Apraz-lhe o humor grosseiro?
Ó contém-me a verdade do amor.

Dizem-me que há sempre lembrança
Dos sentimentos que inspira,
Procuro-o desde criança,
E nunca o tive na mira.
Estou quase nos trinta e cinco,
E continuo inocente
Sobre essa criatura estranha
Que tanto incomoda a gente.

E quando vier, virá sem avisar
Enquanto eu limpar o nariz,
Vê-lo-ei à porta quando eu acordar,
Ou no autocarro a pisar-me os pés,
Virá como muda a temperatura,
Com lisura ou tortura ou pior,
Mudará minha vida futura?
Ó contém-me a verdade do amor.

GIOCONDA BELLI (Nicarágua, 1948)

(tradução de Jeff Vasques)

NÃO ME ARREPENDO DE NADA

Daqui, da mulher que sou,
às vezes me entrego a contemplar
aquelas que eu podia ter sido;
as mulheres primorosas,
modelo de virtudes,
trabalhadoras boas esposas
que minha mãe desejou para mim.

Não sei por quê
passei minha vida inteira me rebelando
contra elas
odeio suas ameaças em meu corpo
a culpa que suas vidas impecáveis
por um estranho feitiço,
me inspiram;

revolto-me contra seus bons ofícios,
os prantos noturnos sob o travesseiro,
às escondidas do marido
o pudor da nudez, por baixo da passada e engomada
roupa íntima.

Estas mulheres, no entanto,
olham-me do interior de seus espelhos,
levantam um dedo acusador
e, às vezes, cedo a seus olhares de reprimenda
e gostaria de ter a aceitação universal,
ser a "boa menina", a "mulher decente"
a impecável Gioconda,
tirar dez em conduta
com o partido, o estado, as amizades,
minha família, meus filhos e todos os demais seres
que, abundantes, povoam este nosso mundo.
Nesta contradição invisível
entre o que deveria ter sido e o que é

travei numerosas batalhas mortais,
batalhas inúteis delas contra mim
- elas contra mim que sou eu mesma -

Com a "psique dolorida" despenteio-me
transgredindo ancestrais programações
desgarrando-me das mulheres internas
que, desde a infância, torcem o rosto para mim
pois não me encaixo no molde perfeito de seus sonhos,
pois me atrevo a ser esta louca falível, terna e vulnerável
que se apaixona feito puta triste
por causas justas, homens bonitos e palavras brincalhonas
pois, já adulta, atrevi-me a viver a infância proibida,
e fiz amor sobre escrivaninhas em horários comerciais
e rompi laços invioláveis e me atrevi a desfrutar
o corpo são e sinuoso com que os genes
de todos os meus ancestrais me dotaram.

Não culpo ninguém. Melhor, agradeço a eles pelos dons.
Não me arrependo de nada, como disse Edith Piaf.
Porém, nos poços escuros em que me afundo;
nas manhãs em que, ao entreabrir os olhos,
sinto as lágrimas fazerem força
apesar da felicidade
que finalmente conquistei
rompendo estratos e camadas de rocha terciária
e quaternária,
vejo minhas outras mulheres sentadas no vestíbulo
fitando-me com olhos doídos
e me culpe pela felicidade.

Irracionais boas meninas
rodeiam-me e desfilam suas canções infantis contra mim;
contra esta mulher feita plena
esta mulher de peitos em peito
e largos quadris
que, por minha mãe e contra ela,
eu gosto de ser.

REGRAS DO JOGO PARA OS HOMENS QUE QUEIRAM MULHERES MULHERES (trechos)

II

O homem que me amar
não desejará possuir-me como uma mercadoria,
nem me exhibir como troféu de caça,
saberá estar a meu lado
com o mesmo amor
com o qual estarei ao lado seu.

VII

Acima de todas as coisas,
o homem que me amar
deverá amar o povo
não como uma palavra abstrata
tirada da manga,
mas como algo real, concreto,
a quem render homenagem com ações
e dar a vida, se necessário.

VIII

O homem que me amar
reconhecerá meu rosto na trincheira
joelhos no chão me amará
enquanto os dois dispparamos juntos
contra o inimigo.

XI

O amor de meu homem
não desejará me rotular ou etiquetar,
me dará ar, espaço,
alimento para crescer e ser melhor,
como uma Revolução
que faz de cada dia
o começo de uma nova vitória.

EDNA ST. VICENT MILLAY
(EUA, 1892-1950)

O AMOR NÃO É TUDO

(tradução de Paulo Mendes Campos)

O amor não é tudo: nem carne nem
bebida, nem é sono, lar da gente,
nem a tábua lançada para quem
se afunda e volta e afunda novamente.

O amor não pode encher o pulmão forte,
pôr osso no lugar, tratar humores,
embora tantos dêem a mão à morte
(enquanto o digo) só por desamores.

Bem pode ser, na hora mais doída,
ou da minha franqueza arrependida,
buscando alívio à dor, seja capaz

de vender teu amor por minha paz
ou trocar-te a lembrança pelo pão.
Bem pode ser que o faça. Acho que não

PRIMEIRO FIGO

(trad. de Carlos Machado)

Minha vela queima nos dois lados
e não vai durar a noite inteira.
Mas ah, meus amigos, oh meus inimigos –
que luz adorável ela dá!

RAUL SEIXAS (Brasil, 1945-1989)

A MAÇÃ

Se esse amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar

Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Írá gostar de todas
Porque todas são iguais

Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar
Infinita tua beleza
Como podes ficar presa
Que nem santa num altar

Quando eu te escolhi
Para morar junto de mim
Eu quis ser tua alma
Ter seu corpo, tudo enfim
Mas compreendi
Que além de dois existem mais

Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo
Do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar